

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO - FESPSP
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FABCI**

Aluna: Magali Machado de ALMEIDA

Professor: Ivan RUSSEFF

O homem maquiaveliano em O Rei da Vela, de Oswald de Andrade

São Paulo

2012

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO - FESPSP
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FABCI

Trabalho temático interdisciplinar baseado na obra O Rei da Vela de Oswald de Andrade apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo 2012

“O homem é o lobo do homem”

Thomas Hobbes

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. BREVE CONTEXTO DA OBRA <i>O PRÍNCIPE</i>, DE MAQUIAVEL	6
2.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE <i>O PRÍNCIPE</i>	8
2.1.1 <i>Virtú, fortuna e ocasião em O Rei da Vela</i>	10
2.1.1.1 As milícias mercenárias de <i>O Príncipe</i> como expressão do capital estrangeiro colonizador	14
3. A manutenção do poder em <i>O Rei da Vela</i>	16
4. Considerações finais	22
5. Referências bibliográficas	23

1.Introdução

Com um olhar atento à produção intelectual desde os seminiais tempos greco-romanos, pode-se observar que há muitos autores, criadores ou artistas que se sobrepuseram às suas obras, como que emprestando-lhes parte de sua genialidade. Outros, ao contrário, foram mero instrumentos para ideias brilhantes, não sendo, portanto, personalidades extraordinárias. E há, especialmente, aqueles que serão lembrados pelo seu legado revolucionário porque, além de suas obras e personalidade excepcionais, foram também agentes de mudança do pensamento vigente. Todo um cataclisma racional que transbordou de uma existência, uma visão e um agir sem paralelo, e por longo tempo ainda provocador. Oswald de Andrade e Nicolau Maquiavel são exemplares definitivos desta última espécie.

Paulistano, de 11 de janeiro de 1890, Oswald de Andrade viveu como um *dândi* perspicaz, arrojado e polemizador. Personificação máxima da antropofagia, concebeu o movimento modernista junto com outros jovens intelectuais e artistas e deles se abasteceu de matéria prima para suas obras. Mais que um Menotti del Pichia, Lasar Segall e uma Anita Malfatti, vivendo em um fervilhante caldeirão cultural, reagiu engenhosamente a todas as propostas da primeira geração modernista brasileira. Escreveu poemas, romances e artigos sob a luz do movimento de vanguarda de sua época. Extrapolou esses limites com a dramaturgia, já que sua peça *O Rei da Vela*, de 1933, somente foi compreendida no seu âmago com a encenação de José Celso Martinez Correa, em 1967.

Florentino, de 3 de maio de 1469, Nicolau Maquiavel teve em sua vida inteira uma escalada política movida por uma obsessão: observar criticamente tudo à sua volta para melhor servir à sua pátria. Seu ideário político sobreviveu às leituras mais variadas nos séculos subsequentes e acabou por ser reconhecido como o fundador do pensamento político moderno. Sua obra *O Príncipe* (1513) expõe cruamente o poder e as relações dele resultantes ou originárias e é o expoente do “maquiavelismo” sob sua dúbia conotação: para a ciência política, é a “razão de Estado” e, por outro lado, a “falta de ética ou moral”, no entendimento popular, de acordo com Januário Megale (MEGALE, 1993, p. 56)

Balizador deste ensaio, *O Rei da Vela* de Oswald será vasculhado pelo olhar secular de Nicolau na busca do *homem maquiavélico*, mais que um *príncipe*. Como a intrincada teia de relações entre os personagens abriga os conceitos de *virtù*, *fortuna*, *ocasião* que Maquiavel ventilou em *O Príncipe*? E como estes conceitos estão entrelaçados na peça de Oswald para favorecer a manutenção do poder em suas variadas nuances, do capital de Abelardo à falida aristocracia cafeeira, representada pela família do Coronel Belarmino? Pretende-se, então, nas linhas que se seguem, desvendar algumas passagens da história de Abelardo e sua malta que guardam indícios do pensamento de Maquiavel.

2. Breve contexto da obra *O Príncipe*, de Maquiavel

Sob uma análise comum na historiografia da arte, o oscilar dos movimentos históricos pode ser desenhado por dois eixos principais: contrapõem-se criação e destruição. Para iluminar o pensamento medieval, mergulhado em trevas, seguiu-se uma retomada dos valores da antiguidade no Renascimento (séc XV e XVI), coroando o fim do sistema feudal e iniciando a transição para a Idade Moderna. A “destruição” do obscurantismo religioso, que se prolongava sob o signo do teocentrismo, foi necessária para a “criação” de novas concepções de mundo mais racionais e liberais. O antropocentrismo emergiu e foi o combustível para a queima dos dogmas medievais e a supressão de entraves religiosos. Pela primeira vez, o Estado ganhava primazia sobre a moral cristã preponderante, que resistiu às investidas leigas e humanistas de ascensão ao poder.

A Itália, em particular, foi a síntese do incipiente renascimento: seus feudos já haviam se transformado em cidades em expansão e a nascente burguesia se esmerava em estabelecer prósperos centros comerciais e as primeiras instituições bancárias. O capitalismo comercial descerra-se na península europeia e traz um pujante progresso.

A relevância das famílias européias se dava em função de seus tentáculos de poder. Assim como sua contemporânea, os Buonarroti, família de Michelangelo, a Casa de Médici tinha muita tradição em Florença e ansiava por projeção social. Seus negócios incluíam transações bancárias e comerciais não apenas na península, mas também em outras regiões européias desde o século XIV, e ampliou-se no início do século seguinte, com produção de tecidos de lã e seda, sob vigorante direção administrativa. Em 1476 seus principais concorrentes políticos e econômicos, os

Pazzi, acabaram se beneficiando de um embate entre o grande mecenas do Renascimento, Lorenzo de Médici, o Magnífico, e o Papa Sisto¹, quanto à comercialização de um ingrediente químico fixador de tintas em tecidos, muito utilizado pelo guarda-roupa clerical, o alume. Detentores do monopólio da substância e fornecedores exclusivos do pontífice, quando perderam o privilégio para seus rivais também acumularam grandes prejuízos. O fato de os Médici serem os responsáveis pela introdução dos judeus no comércio de crédito para as classes baixas é apontado como um dos motivos para o ataque de Sisto, representante de uma igreja que também fomentava o capitalismo bancário entre seus membros².

Em 1478, em plena juventude de Maquiavel, Lorenzo, o Magnífico, governava Florença e após sobreviver a uma tentativa de assassinato³ tem sua autoridade fortalecida. Mas, vê-se sitiado por Nápoles e Roma por um lado, e Veneza por outro. Aguerrido, viaja pessoalmente para pedir apoio ao rei Fernando I, da França e, para espanto público, é muito bem sucedido em sua empreitada. Por que as pretensões territoriais das grandes monarquias europeias incluíam os estados italianos, os conluíus entre reis europeus e príncipes italianos eram muito volúveis e frequentes.

Lorenzo morre em 1492 e seu filho, Pedro, teve desempenho medíocre ao sucedê-lo no governo, e conseqüentemente, contribuiu para que a família fosse apeada do poder e retornasse apenas em 1512, pelas mãos do cardeal Juliano de Médici, com apoio espanhol. Seu irmão, Giovanni de Médici, futuro Papa Leão X, assumiu o poder político da cidade e, assim que foi eleito papa, passou o governo de Florença para seu sobrinho, Lorenzo II. Uma liderança arrojada, Lorenzo II muda o sistema político e centraliza o poder, chamando a atenção de Maquiavel, que lhe dedica os escritos de *O Príncipe* para incentivá-lo em seu nascente governo.

Paralelamente, especialmente no início do século XVI, o capitalismo financeiro italiano perde sua força, com bancos florentinos sendo transferidos para Lyon. Nesses novos centros, e também na Inglaterra e Espanha, o vultoso fluxo de capital alicerça as monarquias absolutistas estabelecidas, enquanto a Itália se debatia, em meio a uma

1. Papa Sisto, eleito em 1471, foi o fundador da capela Sistina.

2. Segundo Cortina, a "Igreja é responsável pela formação do capitalismo bancário já desde o século XIV, quando atribui aos banqueiros a incumbência de coleta e administração de suas rendas, que eram provenientes das diversas regiões onde tinham seguidores. (CORTINA, 2000, p. 127).

3. Tentativa conhecida como Conspiração dos Pazzi, família de banqueiros, que atacaram Lourenço e seu irmão, Juliano de Médici, durante uma missa na catedral de Florença. Lourenço salvou-se, escondendo-se na sacristia. Supostamente, os Pazzi tiveram apoio do papa Sisto IV, o que faz com que muitos qualifiquem o episódio como um plano de Sisto contra os Médici.

fuga de capital, numa miríade de pequenos principados, reinos e ducados que rivalizavam entre si, incluindo Roma, sede do poder papal e cristão. Descentralizados, os principados italianos estavam esvaziados politicamente.

Nesse panorama anacrônico de cidades-estado, o poder era ilegítimo, nas mãos de “déspotas sem tradição dinástica ou direitos contestáveis” (MEGALE, 1993, p. 14). Pela primeira vez, o Estado ganhava primazia sobre a moral cristã preponderante, que resistiu às investidas leigas e humanistas de ascensão ao poder. Era visível a crise moral que se infiltrava nos meandros dos reinados europeus, especificamente na Itália, no lastro do vazio “da ausência de um poder central” (MEGALE, 1993, p. 14).

Essa instabilidade política exigia muita astúcia e armas mercenárias para se conquistar e manter esse fragmento de poder. Em casos extremos, os principados clamavam por ajuda das grandes potências e também contavam com a figura dos *condottieri*, líderes de milícias muito influentes, que com armas e rede de relacionamentos selecionados, eram destacados *players* no jogo de forças italiano.

César Bórgia (Roma, 1475-1507, Roma), cardeal nomeado pelo pai, o papa Alexandre VI, Rodrigo Bórgia (Xátiva, 1431-1503, Roma), foi um *condottieri* implacável e audaz. Impressionado pelas suas façanhas, Maquiavel delineou o perfil ideal de um príncipe que uniria a Itália sob um único governo e elencou as ações necessárias para que esse altivo príncipe mantivesse o poder.

Com Lorenzo II, os Médici novamente assumem o controle de Florença e enviam Maquiavel, diplomata do governo se deu antecessor e rival, Soderini, para o exílio. Isolado em sua propriedade rural em San Casciano, nos arredores de Florença em 1513, Maquiavel reflete sobre os recentes acontecimentos em sua carreira política e oferece ao jovem governante toda a inspiração trazida pelos feitos de César Bórgia para a concretização de uma Itália forte e unificada sob um *Príncipe*.

2.1 Principais características de *O Príncipe*

Como era comum em sua época, *O Príncipe* foi escrito com intenções de aconselhamento, no caso, a Lorenzo de Médici, Lorenzo II.

Somente 20 anos depois disso o livro foi publicado, patrocinado pelo papa Clemente VII, que tinha retomado sua influência sobre Florença. Também foi publicado por ele *Istoire florentine*, um ano antes, em 1531.

Com seu raciocínio algorítmico e ousado, tem instigado calorosos debates sobre governança, ética, moral e poder ao longo da história. Até os dias de hoje o curso do pensamento político mundial alterou-se sob diversas interpretações da obra de Maquiavel. Segundo o professor da UNESP Arnaldo Cortina “é um manual de instruções para a conquista e manutenção do poder de um príncipe” (CORTINA, 2000, p. 139). Com um tom professoral, pretende induzir a que o leitor coloque em prática o que Maquiavel advoga. Sob esta perspectiva, pode-se dizer que a linguagem persuasiva de Maquiavel sinaliza um traço manipulatório do autor, no sentido de guiar os feitos de seu público. Recheado de exemplos históricos da Antiguidade, abusa da dialética, oferecendo sempre mais de uma alternativa a um problema: uma com mais chances de dar certo que outra. No discorrer de suas ideias, o autor quer envolver seu leitor racionalmente.

O livro é pequeno e dividido em capítulos: os primeiro onze capítulos descrevem especialmente os principados e a monarquia e como sua conquista de deus, ou se perdeu. A seguir, Maquiavel concentra-se nos obstáculos normalmente encontrados pelo *Príncipe* na conquista e manutenção do poder e como superá-los. Também são expostas as principais “virtudes” que este governante deve ter e exemplos de ações políticas mais e menos recomendáveis. No fechamento do livro, um apelo a Lorenzo II, no empenho de salvar e unificar a Itália.

A maioria das edições de *O Príncipe* apresenta um glossário de termos utilizados no texto pelo diplomata. Praticamente parte integrante obrigatória, estes glossários repercutem até os dias de hoje verbetes como *virtù*, *fortuna* e *ocasião*. Essenciais para se acompanhar o pensamento maquiavélico, estes termos foram escolhidos entre muitos outros relevantes por permitirem um paralelo mais próximo entre esta obra e a peça O Rei da Vela.

2.1.1 *Virtù, fortuna e ocasião em O Rei da Vela*

A riqueza do ideário de Maquiavel está na singularidade de suas concepções. Entre os comentadores do diplomata italiano, há espaço para revestir algumas ideias maquiavelianas de aspecto republicano, ou seja, válidas também para o cidadão, um atributo do universal (MAQUIAVEL, 2010, p. 197). Há especificamente três conceitos descritos em *O Príncipe* que são plenamente aplicáveis à obra de Oswald de Andrade na análise das ações do homem comum Abelardo I/II: *virtù, fortuna e ocasião*.

A *virtù* pode se adequar ao contexto em que está inserida pois tem “caráter multifacetado”, sendo “um conjunto de qualidades, sejam elas quais forem, cuja aquisição o príncipe possa achar necessária a fim de “manter seu estado” e “realizar grandes feitos” (MAQUIAVEL, 2010, p. 196). Não é, portanto, um conjunto de virtudes fixas e já familiares, como honestidade e brio, pois gradua-se de acordo com o indivíduo e com as circunstâncias. É, então, quantitativa e qualitativa. A *virtù* pode ser inerente ao príncipe (governante), republicana (do homem comum ou do cidadão) ou militar (coragem). Tem a “finalidade de manter o estado republicano e conduzir a república à grandeza, evitando a corrupção” e “está voltada para a defesa e a exaltação da pátria e para o amor para defesa da liberdade” (MAQUIAVEL, 2010, p. 197). É a prudência e a força no agir.

Por outro lado, a *fortuna* em Maquiavel seria o “fluxo dos acontecimentos, entendido como o que perturba as ações e impede o cálculo. É o contraponto às ações políticas, personificando as alterações no rumo dos acontecimentos. A *fortuna* é uma força destruidora das construções humanas” (MAQUIAVEL, 2010, p. 188). A inexistência de *virtù* dá vazão à *fortuna*, já que aquela interfere no curso dos acontecimentos. A *fortuna*, porém, pode gerar benefícios voláteis, como as honras, a glória, a riqueza e o poder, (MAQUIAVEL, 2010, p. 188) e, principalmente, a *ocasião*.

Uma imagem da *Occasio calvata*, inspirada em Kairos, filho de Chronos na mitologia grega, sintetiza o conceito de *ocasião* em Maquiavel:



Figura 1. Occasio calvata

Uma moça jovem, com asas nos pés e equilibrando-se sobre uma esfera, que tem os cabelos longos sobre seu rosto, mas é calva acima da nuca. Como uma oportunidade, deve ser imediatamente reconhecida, apesar de os cabelos a esconderem, e agarrada pela frente pois, depois que passa, torna-se inalcançável, pois não há mais como segurá-la. Acrescente-se a isso a relevância da conjuntura na ocorrência da *ocasião*, nas palavras de Maquiavel: “(...) Não poderia Teseu demonstrar sua *virtù* se não tivesse encontrado os atenienses dispersos (...). Sem aquela *ocasião*, a *virtù* de seu ânimo se teria extinguido, e sem aquela *virtù* a *ocasião* teria vindo em vão” (MAQUIAVEL, 2010, p. 193). Ou seja, o mérito de se agarrar a *ocasião* é a *virtù*, sendo a *ocasião* exatamente esta conjuntura favorável que aflorou a sua *virtù*.

A interrelação entre esses três conceitos revela a estratégia de um homem político. A *virtù* dependeria da *ocasião*, ou seja, em função da oportunidade que se apresenta, usa-se uma certa qualidade e quantidade de *virtù*, não diretamente ligada ao resultado da ação.

Em *O Rei da Vela*, o tom “espinafador” não poupa as relações promíscuas das camadas da elite brasileira para conquistarem ou manterem o poder. Os alvos de críticas incluem a burguesia industrial em busca de uma partilha do *status* social e poder da decadente aristocracia rural; e esta, lutando para salvar o que lhe resta de

prestígio e influência. É o encontro de uma classe em ascensão com outra em decadência. Com a intenção de discutir a presença ociosa dos barões decadentes do café e uma aristocracia parasita e estéril, Oswal sugere que estas camadas sociais exploram o povo, como classe operária. Adicione-se a isso, é explícita a posição da família, igreja e as tradições como instituições de controle e permanência no poder. Uma leitura possível identificaria a *família* como representante da burguesia industrial e a *propriedade* como o símbolo da aristocracia rural. Com suas relações torpes, conquistam e mantêm o poder, o ideal do homem, que será tanto maior quanto mais família e propriedade se unirem, como, por exemplo, em casamentos de conveniência.

ABELARDO I — (...) Seu Abelardo, a família e a propriedade são duas garotas que frequentam a mesma garçonnière, a mesma ferra... quando o pão sobra... Mas quando o pão falta, uma sai pela porta e a outra voa pela janela...

ABELARDO II — A família é o ideal do homem! A propriedade também. E Dona Heloísa é um anjo!

Tendo conhecido Heloísa, Abelardo viu a *ocasião* para ampliar a relação *família e propriedade*. Sua *virtù* concretizou-se em uma proposta de casamento, que também beneficiaria Heloísa.

Também o coronel Belarmino viu a *fortuna* lhe faltar quando perdeu grande parte de seu patrimônio:

HELOÍSA (Sonhando.) — Meu pai era o Coronel Belarmino que tinha sete fazendas, aquela casa suntuosa de Higienópolis... ações, automóveis... (...)

ABELARDO I — Os velhos senhores da terra que tinham que dar lugar aos novos senhores da terra!

HELOÍSA — No entanto, todos dizem que acabou a época dos senhores e dos latifúndios...

ABELARDO I — Você sabe que o meu caso prova o contrário. Ainda não tenho o número de fazendas que seu pai tinha, mas já possuo uma área cultivada maior que a que ele teve no apogeu.

HELOÍSA — Há dez anos... A saca de café a duzentos mil-réis!

ABELARDO I — Estamos de fato num ponto crítico em que podem predominar, aparentemente e em número, as pequenas lavouras. Mas nunca como potência financeira. Dentro do capitalismo, a pequena propriedade seguirá o destino da ação isolada nas sociedades anônimas. O possuidor de uma é um mito econômico.

Com a revolução de 30 os latifundiários do café, como o coronel, perderam muita produtividade, e, conseqüentemente, poder. O falido Belarmino foi vítima da *fortuna* do capitalismo pois não soube utilizar-se de *virtù* para reverter o panorama desastroso em seu benefício, enquanto Abelardo aproveitou a *ocasião* e sua *virtú* revelou-se na decisão de investir nas terras decadentes, tornando-o um “mito econômico”, financeiramente bem-sucedido.

Para servir-se de mais poder, as relações de Abelardo não param por aí: alia-se até a parceiros que antes eram inadmissíveis, mas que tornam-se, em função de nova *ocasião*, muito valiosos:

ABELARDO I — De fato, a minha vida enroscou na sua, Heloísa. Num momento grave, em que é preciso lutar e vencer. Sem piedade. De uma maneira fascista mesmo. Vou me aliar ao Perdigoto e ao Bensaúde. Eles têm utilidade.

HELOÍSA — Você disse que aqui isso não seria possível.

ABELARDO I — Tenho estudado melhor. Somos parte de um todo ameaçado — o mundo capitalista. Se os banqueiros imperialistas quiserem... Você sabe, há um momento em que a burguesia abandona a sua velha máscara liberal. Declara-se cansada de carregar nos ombros os ideais de justiça da humanidade, as conquistas da civilização e outras besteiras! Organiza-se como classe. Policialmente. Esse momento já soou na Itália e implanta-se pouco a pouco nos países onde o proletariado é fraco ou dividido...

Mas, este excerto não pode ser descolado de um significativo contexto histórico. Da progressiva massa urbana brasileira que se formou em função das indústrias, especialmente as paulistas, irrompeu a voz de uma classe operária bastante

explorada. Como uma das consequências da Revolução de 30, tentou-se que ela adquirisse direitos sociais mínimos. Em mais um capítulo da guerra de forças entre os industriais, de um lado, e seus operários, de outro, o Estado de Getúlio Vargas valeu-se de uma política dúbia: integradora, mas, ao mesmo tempo, manipuladora e repressiva. Assim, protegia a ordem capitalista de ataques dos proletários sindicalizados e “comunistas”. No plano externo, o crescimento do nazismo na Alemanha e do fascismo na Itália causava furor mundial. A aristocracia brasileira na sua fatia integralista fascista inclinava-se abertamente àqueles movimentos. Daí a referência de Oswald ao fato de que a burguesia “abandona sua velha máscara liberal” e, demagógicamente, “declara-se cansada de carregar nos ombros os ideais de justiça da humanidade”. Une-se à aristocracia rural e re-organiza-se com um caráter “policia”.

Diante dessa mudança de cenário, Abelardo I repensa sobre seus coligados e decide, para preservar seu poder, aderir a Perdigoto, a personificação do fascismo, e a Bensaúde, que, como nos esclarece criticamente Sábato Magaldi em seu prefácio (ANDRADE, 2008, p. 8) é uma figura inspirada em Tristão de Athyde, representando a corrente do integralismo, tumultuadamente adepta das ideias varguistas. O levante na Itália, que visava, entre outras coisas, proteger o capitalismo de suas ameaças, se torna a *ocasião* para que Abelardo I se volte agora a favor de Perdigoto e Bensaúde, desenhando uma nova escala de influências na história de Oswald.

2.1.1.1 As milícias mercenárias de *O Príncipe* como expressão do capital estrangeiro colonizador

No capítulo XII, Maquiavel discorre sobre as milícias mercenárias, agremiações de soldados que trabalhavam por *job* que pagasse mais, ou seja, serviços específicos, independente de quem fosse o príncipe ou rei pagante, que lhes rendessem mais. Eram muito requisitadas em toda a Itália para compor exércitos locais. Porém, Maquiavel julga-as uma opção perigosa, pois seus membros são indolentes, indisciplinados, descrentes de tudo, covardes nas batalhas e ousados apenas entre seus pares. Seus salários são insuficientes para motivá-los a lutar pelo soberano que os emprega. Não são necessariamente capazes, e quando o são, tornam-se inconfiáveis

pois “aspiram à própria grandeza” e, caso contrário, levam o príncipe à ruína, conforme Januário Megale (MEGALE, 1993, p. 32).

Em sua obra dialógica *A arte da guerra*, Maquiavel acrescenta ainda que essas milícias também são facilmente corrompidas por qualquer cidadão que ambicione o poder para tornar-se um tirano (MAQUIAVEL, 2010, p. 169).

Mr. Jones, a alusão de Oswald ao capital estrangeiro colonizador, é a força atraída pelos mercados mais lucrativos, descompromissado com seus vassalos e impositivo em suas ambições. É referenciado com o Americano, em maiúscula, alçando-o à categoria de uma entidade. É o *estrangeiro* no reino do *Príncipe* e, sob uma análise aproximativa, assemelha-se à milícia mercenária de Maquiavel, especialmente na sua capacidade de corromper-se ao maior e mais conveniente lance do jogo do poder. Sábato Magaldi o qualifica como o “explorador do explorador” (ANDRADE, 2008, p. 19), denunciando a relação incestuosa entre milícia mercenária e príncipe. O excerto abaixo ilustra esta concepção:

ABELARDO I — (...) Os países inferiores têm que trabalhar para os países superiores como os pobres trabalham para os ricos. Você acredita que New York teria aquelas babéis vivas de arranha-céus e as vinte mil pernas mais bonitas da terra se não se trabalhasse para Wall Street de Ribeirão Preto a Cingapura, de Manaus à Libéria? Eu sei que sou um simples feitor do capital estrangeiro. Um laçao, se quiserem! Mas não me queixo. É por isso que possuo uma lancha, uma ilha e você...

Em vista de uma necessidade concreta, a de conseguir empréstimos, Abelardo I se vale da ajuda do capital estrangeiro de Mr. Jones, como os países tributários do imperialismo se valem de seus financiadores. Sabedor dos caprichos do americano, e temendo sua fidelidade volúvel, chega a ser caricato no seu relacionamento com o estrangeiro, reverenciando-o em demasia:

ABELARDO I (A Heloísa.) — Chegou a sua vez de sair, meu bem!

HELOÍSA — Como?

ABELARDO I — Devo a esse homem...

HELOÍSA — Adeus!

(...)

HEIOÍSA — Sim, adeus!

ABELARDO I — Perguntará quem és... (Heloísa sai. Só, no meio da cena, Abelardo curva-se até o chão diante da porta aberta.) Faça o favor de entrar, Mister Jones! Come back!

Afinal, como diz o personagem *O Ponto*, um contra-regra do teatro, em uma passagem brechtiana no terceiro ato, “com o capital estrangeiro não se brinca” (ANDRADE, 2008, p. 79), então, todo cuidado é pouco.

O fato de a última fala ser dada a Mr. Jones em um entusiasmado “Oh! Good business!”, cheio de exclamações, como foi todo o seu discurso na peça, confere a este personagem seu caráter mutável ao sabor do lucro maior, pois, como Abelardo I diz a seu homônimo no último ato:

ABELARDO I — (...) Não se esqueça de que estamos num país semicolonial. Que depende do capital estrangeiro. E que você me substitui, nessa copa nacional!

Abelardo II revive em Abelardo I depois do assassinato-suicídio, dando continuidade às relações espúrias entre Abelardo I/II e Mr. Jones, capital nacional e capital estrangeiro, príncipe e mercenário. No fim da peça, tudo acaba em mais uma negociata para se manter o poder.

3. A manutenção do poder em O Rei da Vela

A obra de Oswald de Andrade tem roupagem, nas palavras de Haroldo de Campos, de um “grotesco satírico”⁴ e com sua miscelânea de referências aponta a

4. Wolfgang Kayser (*Das Grotteske in Malerei und Dichtung*) diz-nos que o grotesco é uma estrutura, e que a essência desta pode ser descrita com a seguinte fórmula: “o grotesco é o mundo tornado estranho” (*das Grotteske ist die entfremdete Welt*). Reconhece a possibilidade de duas perspectivas para esse estranhamento: a do grotesco fantástico, com seus mundos de sonho, e a do grotesco radicalmente satírico, com sua agitação de máscaras (*Maskentreiben*) (ANDRADE, 1999, p.16)

luta pela ampliação/ manutenção do poder de duas classes: uma em decadência (a aristocracia rural da família do Coronel Belarmino) e outra em ascensão (a burguesia financeira e especuladora, representada por Abelardo I/II). No vértice de ambas está o capital colonizador americano, e que pouco aparece na peça, como um excêntrico e discreto presidente de multinacional recluso em seu oásis afortunado. A ironia premente é o que desacraliza as interconexões entre esses três polos e traz diálogos chocantes.

O personagem duplo Abelardo I/II, usurário, improdutivo, é a personificação do predador do seu próximo. Na busca frenética do poder, pode ser amplificado na configuração do homem maquiaveliano de *O Príncipe*. Se para Maquiavel a “liberdade individual existe e se faz necessária na pessoa do príncipe, que, usando de sua astúcia, *virtù* e sabedoria não se prende a valores éticos e morais para o cumprimento de seu dever sublime: a manutenção da ordem” (MAQUIAVEL, 2010, p. 87), Abelardo I/II é o homem político que usa e abusa dessa liberdade individual na manutenção da ordem burguesa, a qualquer custo.

Os principados hereditários de *O Príncipe* podem ser representados pelas famílias quatrocentonas da década de 30. Estão acostumados à “linhagem de seus príncipes”, e para conquistá-las devem habitá-las, como diz Maquiavel; para mantê-los basta se respeitar as tradições de seus antepassados (MAQUIAVEL, 2010, p. 7). O casamento de interesses entre Abelardo e Heloísa seria a aplicação deste princípio de Maquiavel para, assim, garantir a continuidade no poder:

HELOÍSA — Em troca da minha liberdade. Chegamos ao casamento... Que você no começo dizia ser a mais imoral das instituições humanas.

ABELARDO I — E a mais útil a nossa classe... A que defende a herança...

HELOÍSA — Enfim... aqui estou... negociada. Como uma mercadoria valiosa... Não nego, o meu ser mal-educado nos pensionatos milionários da Suíça, nos salões atapetados de São Paulo... vivendo entre ressacas e preguiças, aventuras... não pôde suportar por mais de dois anos a ronda da miséria... (Silêncio.) E a admiração que você provocou em mim, com o seu ar calculado e frio e a sua espantosa vitória no meio da derrocada geral... O conhecimento que tive do seu cinismo e da sua indiferença diante dos sofrimentos humanos...

*ABELARDO I — Conheço uma só coisa, a realidade. E por isso sub-jugo
você que é sonho puro...*

Representante daquela classe, Heloísa, tem, mesmo em decadência, um principado hereditário. Abelardo, o *Príncipe*, sabe que deve contemporizar com a cultura dessa camada social para ampliar seu poderio econômico, ou a “herança”. Na conquista de Heloísa, o *Príncipe* a subjuga fria e calculadamente, como se fizesse um negócio vultuoso. Também o sabe Dona Poloca, a voz mais lúcida da aristocracia cafeeira arruinada:

*ABELARDO I — (...)Por que é que a senhora há de ser tão simpática
quando estamos a sós. E tão infame na frente dos outros?*

*D. POLOCA — Mas como é que o senhor quer que eu proceda em
sociedade?*

ABELARDO I — Quero que proceda humanamente.

*D. POLOCA — Desde quando que a humanidade é um pedaço de
marmelada, Seu Abelardo? Eu defendo o meu ponto de vista de tradição
e de família? Intransigentemente. Sou sua melhor amiga (Carinhosa.) em
segredo. Mas não posso dar confiança em público a um novo-rico, a um
arrivista, a um Rei da Vela!*

Mais uma vez, vemos uma cena de conchavo entre as duas classes, escancarada despojadamente por Dona Poloca. Sem papas na língua, ela se posiciona frente à *virtù* de Abelardo e, engenhosamente, participa ativamente do jogo. Abelardo, por sua vez, sabe administrar muito bem sua vantagem, com cuidadosas doses de força e prudência.

Mas, para conquistar e manter o poder, o *Príncipe* também pode dispor de outros meios:

HELOÍSA — Dizem tanta coisa dê você, Abelardo...

*ABELARDO I — Já sei... Os degraus do crime... que descí corajosamente.
Sob o silêncio comprado dos jornais e a cegueira da justiça de minha
classe! Os espectros do passado... Os homens que traí e assassinei. As
mulheres que deixei. Os suicidados... O contrabando e a pilhagem...*

Todo o arsenal do teatro moralista dos nossos avós. Nada disso me impressiona nem impressiona mais o público... A chave milagrosa da fortuna, uma chave yale... Jogo com ela!

Traição, assassinato, contrabando, pilhagem. Meios inescrupulosos utilizados, sem hesitação, por Abelardo para enriquecer e aumentar sua influência, são águas passadas e não há nenhum ressentimento quanto a isso. Nem quanto a sua atual parceria com o capital estrangeiro, a “chave yale”.

Como em política não há, *a priori*, meios bons ou maus, pois eles serão julgados apenas *a posteriori*, impõe-se nesta análise que o critério será sempre a eficiência prática, segundo Megale (MEGALE, 1993, p. 62). Assim, pelo discurso de Maquiavel, o pragmatismo de Abelardo proporcionou-lhe a posição social influente que conquistou e quer manter por que ele captou a ideia daquele de focar na realidade em que *vive*, sobrepondo-se a uma outra realidade que *deveria* ou *desejaria* viver. E não há o que se lamentar quanto a isso. Comentaristas do diplomata italiano defendem que sua experiência o moldou avesso aos princípios morais cristãos de sua época, pois esses princípios levam o governante ao fracasso na conquista e manutenção do poder. É a política. Escreveu Maquiavel: “(...) um homem que queira fazer em todas as partes profissão de bondade deve arruinar-se entre tantos que não são bons. Eis por que é necessário a um príncipe, se quiser manter-se, aprender a poder não ser bom e a valer-se ou não disso segundo a necessidade (MAQUIAVEL, 2010, p. 73).

Nesta linha de raciocínio, o medo também é um recurso citado em *O Príncipe* para se manter o poder, em detrimento do amor de seus súditos. Se se tem a escolha entre ser amado ou temido, ser temido deve ser a opção do governante e a causa disso encontra-se no permanente horror dos homens ao castigo, tornando-os, assim, fiéis ao temido príncipe. Por outro lado, os súditos que têm amor a seu governante encaram este vínculo como uma obrigação, e por que a natureza humana é cruel, podem quebrar essa conexão sempre que for conveniente. Então, para se manter o poder pelo medo, o verdadeiro pavor à punição é a sua base de sustentação. Abelardo I/II exploram largamente esta lição de Maquiavel em três passagens bem significativas da peça:

I. MAIS CLIENTES.

Os clientes aparecem atropeladamente nas grades. É uma coleção de crise, variada, expectante. Homens e mulheres mantêm-se quietos ante o enorme chicote de

Abelardo

(...)

AS VOZES — Eu tenho que fechar a fábrica! Não poderei pagar os duzentos operários que ficarão sem pão! Tenha piedade! Inclua os juros no capital!

Damos excelentes garantias!

ABELARDO I (A Abelardo II.) — Feche esta porta! Não atendo ninguém!

Abelardo II faz estalar o chicote de domador.

AS VOZES — Blefaremos o governo! Me salve! Me salve!

ABELARDO I — Rua! Canalhas! Lá fora sei como vocês me tratam!

Abelardo II fá-los recuar das grades, brandindo o chicote e ameaçando com o revólver.

UMA VOZ DE MULHER — Ai Jesus! Não temos o que comer! Eu não saio daqui! Espero até à noite! Estou arruinada!

AS VOZES IRRITADAS (Abelardo II procura fechar a porta de ferro.) — Canalha!

Sujo! Tirou o nosso sangue! Ladrão! Não saímos daqui!

UM ITALIANO — Pamarona! Momanjo isto capitalista!

UMA FRANCESA — Sale cochon! Si c'est possible! Con!

UM RUSSO BRANCO — Svoloch!

UM TURCO — Joge paga bateca! Non izacuca Joge...

AS VOZES (Em coro.) — Assassino!

ABELARDO I — Feche! Atire!

Abelardo II dá um tiro para o ar. Os clientes recuam gritando. Ele corre a porta de ferro ruidosamente.

II. HELOÍSA — O pânico...

ABELARDO I — Por que não? O pânico do café. Com dinheiro inglês comprei café na porta das fazendas desesperadas. De posse de segredos governamentais, joguei duro e certo no café-papel! Amontoei ruínas de um lado e ouro do outro! (...).

HELOÍSA — Ficaste o Rei da Vela.

ABELARDO I — Com muita honra!

III. PERDIGOTO — Fora de brincadeira. A situação obriga a isso. Organizemos uma milícia patriótica. Que acha? Nos instalaremos provisoriamente na Casa central. Combinaremos com os outros fazendeiros. Arrolaremos gente, a capangada está sempre pronta... Será o nosso quartel-general. E se a colônia der um pio...

ABELARDO I — Será o massacre... Processos conhecidos!

PERDIGOTO — Claro. Os corvos engordarão! E a paz voltará de novo sobre a fazenda antiga!

ABELARDO I (Depois de um silêncio.) — Quanto quer?

PERDIGOTO — Dez contos!

ABELARDO I — Sei que vai jogar esse dinheiro. Tentar uma última parada.

Parasita! (Reflete.) Mas sua idéia não é má. Não deve ser sua. Aliás é uma cópia do que está se fazendo nos países capitalistas em desespero!

(Prepara um cheque.) Pronto! Se dentro de uma semana não estiver organizada a milícia, ponho-o na cadeia!

PERDIGOTO — Por ter sido seu amigo?

ABELARDO I — Não, porque falsificou minha assinatura numa letra de treze contos que foi descontada por Pereira & Irmão. Desmoralizandome com essa quantia ridícula! Mas já tomei providências.

PERDIGOTO — Sabia isso também?

ABELARDO I — Quer que lhe dê mais detalhes de sua vida?

PERDIGOTO (Fazendo alusão ao cheque que mostra ao sair.) — Não! Por hoje basta.

Neste exertos, Abelardo ameaça clientes, o mercado e seu novo aliado, o fascista Perdigoto, com a mesma desenvoltura. Faz parte de sua cultura de homem político. O medo lhe insere em uma elevada categoria de poder: o poder policialesco, neste caso, e que, aparentemente, funciona a seu contento. Afinal, Abelardo I não é derrotado por Abelardo II na disputa pelo poder. A classe fica, resiste à morte de um homem. O poder econômico venceu mais uma vez e se manteve:

Abelardo I — Mas a tua vida não irá muito além desta peça...

Abelardo. II — Me matas?

Abelardo I — Para quê? Outro abafaria a banca. Somos uma barricada de Abelardos! Um cai, outro o substitui, enquanto houver imperialismo e diferença de classes...”)

4. Considerações finais

É na contemporaneidade que Maquiavel e Oswald se encontram por se manterem provocadores dentro do debate político, artístico e social desde a transição para a modernidade. Com muito realismo, o primeiro e sarcasmo, o segundo, desnudaram a sociedade em que viviam com reflexões muito argutas.

Na costura de tipos e cenas de O Rei da Vela, em toda sua polissemia, há espaço também para conceitos maquiavelianos como *virtù*, *fortuna* e *ocasião* e a peça revela no seu bojo Abelardo I/II como homens maquiavelianos.

A força e a prudência do protagonista, condensados em sua *virtù*, mobilizam-no para reconhecer no casamento com a tradicional, mas decadente família Belmiro, a *ocasião* para aproveitar-se da *fortuna* que lhe apresenta. Investindo em terras liquidadas de fazendeiros de café, Abelardo I expande seu capital estéril e como bônus, ascenderá socialmente à falida sociedade cafeeira. Acrescente-se a isso, sua aproximação de Mr. Jones, o capital estrangeiro colonizador, espelhado das milícias mercenárias do texto italiano.

Considerando-se a obra de Maquiavel como um manual para conquista e manutenção do poder, e identificando *virtù*, *fortuna* e *ocasião* em várias ações do anti-herói oswaldiano, é possível sustentar que Abelardo, enquanto homem político, é o protótipo do homem maquiaveliano e, no seu âmago, O Rei da Vela vai de encontro do ponto fulcral da filosofia de Maquiavel das conjunturas políticas citadas. Porém, se tomarmos o conceito que diz que *poder é servir*, quando este *poder* serve-se a *si mesmo* ele perde sua função primordial. Abelardo I/II buscam o tempo todo ampliar e manter este poder descompromissado, vil, corrompido e corruptor, valendo-se de casamentos arranjados, aliados abjetos, ameaças e medo de punições severas. *Servem-se* de um poder.

Se César Bórgia foi *O Príncipe* de Maquiavel, o presidente americano Richard Nixon é celebrado como *O Príncipe* do secretário de estado Henry Kissinger, afirmar que o personagem Abelardo teria sido *O Príncipe* de Oswald de Andrade é questão em aberto. Por mais autobiográfica que pareça a peça *O Rei da Vela*, e talvez por esta razão, sem uma exaustiva investigação de outros fatores, como ética e moral, não é possível imiscuir-se nesta discussão. Promissora, poderia enriquecer ainda mais a leitura do complexo homem maquiaveliano Abelardo.

5. Referências bibliográficas

Bibliografia Básica:

ANDRADE, Oswald de. **O rei da vela**. 2 ed. São Paulo: Editora Globo, 2003. 132 p.
MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 197 p.
MEGALE, Januário. **O príncipe de Maquiavel**: roteiro de leitura. São Paulo: editora Ática, 1993. 78 p.

Bibliografia Complementar:

BLENCH, Benjamin; DOLINER, Roy. **Os segredos da capela Sistina**. 1. ed. São Paulo: editora Objetiva, 2009. p. 67-77.
CITELLI, Adilson. Alguns raciocínios. In: CITELLI, Adilson **Linguagem e persuasão**. São Paulo: editora Ática, 2002. p. 18-19.
CORTINA, Arnaldo. As condições históricas do aparecimento de *O Príncipe* e sua organização discursiva. In: CORTINA, Arnaldo. **O príncipe de Maquiavel e seus leitores**: uma investigação sobre o processo de leitura. São Paulo: editora Unesp, 2000. Cap. 3, p. 114-147.
FAUSTO, Boris. Burguesia industrial e Revolução de 1930. In: FAUSTO, Boris. **A revolução de 30**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Cap. 1. p. 29- 65.

Vídeos:

THE BORGIAS. Direção e produção de Neil Jordan. Intérpretes: Jeremy Irons; François Arnaud; Holiday Grainger; Sean Harris ; David Oakes e outros. Roteiro: Neil Jordan. Música: Trevor Morris. Hungria: Take 5 para BBC Two television series, c2011. Blu-ray.

THE PRINCE. Produção de Dale Minor para a Discovery Networks. Princeton: Films for the Humanities & Sciences, 2001. Série Great Books. (50 min). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LUDOnaqziLo&feature=related>>. Acesso em: 07 out. 2012.

THE TUDORS. Direção de Michael Hirst. Produção de James Flynn. Intérpretes: Jonathan Rhys Meyers; Sam Neil; Callum Blue; Henry Cavill; Henry Czerny; Natalie Dormer; Maria Doyle Kennedy e outros. Roteiro: Michael Hirst. Música: Trevor Morris. Canadá: Showtime Networks para a BBC Two television series, c2007-2010. Blu-ray.

Enciclopédias online:

Alexander VI

Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/14138/Alexander-VI>

Acesso em: 06/10/2012, 15h50

Cesare Borgia, duke de Valentinois

Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/74127/Cesare-Borgia-duke-de-Valentinois>

Acesso em: 06/10/2012, 15h47.